

## ROBÔ HUMANOIDE

Primeiro eu o vi em programa de televisão, qual fosse um ET de longas pernas metálicas, finas, esguias, mas muito seguras, capazes de sustentar-lhe o corpo em desabalada carreira, que o fez superar o recorde mundial humano na meia-maratona realizada em Pequim. Dias depois, pude ler excelente reportagem sobre ele em meu jornal diário, destacando o surpreendente resultado. Com efeito, o recorde estava com um atleta ugandense que havia corrido a mesma distância dessa meia-maratona em cerca de 57 minutos, enquanto que o robô humanoide chinês gastou apenas 50 minutos e 26 segundos. O que os cientistas destacam disso tudo, é que o sistema de refrigeração líquida usado no robô humanoide, bem como sua confiabilidade estrutural, podem ser vantajosamente aplicados em diferentes processos industriais. Em outras palavras, um progresso extraordinário da moderna robótica.

Pensei em consultar a inteligência artificial sobre o futuro dos robôs humanóides, mas desisti a tempo. Não ignoro que a IA, como toda inovação tecnológica, pode ser usada para o bem ou para o mal. Acho, porém, que ela só deve ser invocada em situações excepcionais, não a todo momento, sob pena de se embotar o raciocínio humano, o que é extremamente grave. Ademais disso, a inteligência artificial não tem sentimentos, não fica alegre ou triste, não sabe elogiar ou criticar senão em termos previamente estipulados, não tem, enfim, o que se convencionou chamar de inteligência emocional.

Por outro lado, os progressos da robótica não devem chegar ao ponto de substituir totalmente o trabalho humano, sob pena, entre outros efeitos, de provocar grande desemprego. É claro que estamos ainda muito longe de que isso possa acontecer. O sonho de muitas pessoas, contudo, é que robôs

possam substituí-las no trabalho, enquanto permanecem no “dolce far niente”. Suponhamos que isso fosse possível, que as máquinas pudessem sustentar a produção de tudo de que as pessoas precisam, alimentos principalmente, será que seriam mesmo felizes? O que é preciso para que uma pessoa sinta-se feliz?

Foi o questionamento que fiz ao Erasmo na última vez em que estive com ele. Naquela ocasião, Erasmo apresentou-me um primo que o visitava naquela semana, chamado Leopoldo, rapaz muito educado, mas que logo percebi tratar-se de agnóstico, ou seja, não tinha certeza de nada pois duvidava de tudo. Na ocasião, foi Erasmo quem ponderou, com o costumeiro equilíbrio: “Viganó, meu amigo, o trabalho é lei divina. Os espíritos também trabalham no sentido de seu aperfeiçoamento, colaborando dessa forma com a Obra da Criação”. Foi aí que Leopoldo interveio, afirmando que só acreditaria nos espíritos se a ciência comprovasse sua existência. Os dois começaram, então, a discutir de forma um tanto acalorada, Erasmo sempre colocando argumentos ao meu ver irrespondíveis. Nesse momento, percebendo que o rumo da conversa estava tomando um caminho perigoso, resolvi entrar na discussão, porém invocando outros assuntos mais triviais. É que me lembrei de que em matéria de religião e de política quase sempre não se chega a nenhum consenso.

Caros amigos que me leem e prezadas amigas leitoras, vocês não acham que fiz bem em colocar fim à discussão?

Viganó  
darly.vigano@gmail.com